

**IDENTIDADE CLIMÁTICA E SOBREVIVÊNCIA NO SERTÃO:  
POR UMA SOLIDARIEDADE ENTRE OS SABERES CIENTÍFICOS E DA TRADIÇÃO**

Carley Rodrigues Alves

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas,  
Departamento de Educação.  
Campus Universitário, s/n - Departamento de Educação  
Lagoa Nova - 59072-970 – Natal/RN – Brasil  
carley.alves@gmail.com

Márcia Brito Nery Alves

Universidade Federal de Sergipe – UFS  
Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Pós-graduação em Geografia  
Av. Mal. Rondon, s/n, Bairro Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE, Brasil  
marcia.bna@gmail.com

**Janeiro de 2007**

## INTRODUÇÃO

Não busco nesta narrativa relacionar o que foi, o que deveria ter sido e o que é. Cogito a possibilidade da passagem da ilusão das causalidades para a realidade das bifurcações e flutuações. Ainda que na condição de Geógrafo queira supervalorizar as relações simultâneas, não quero com isso, deixar transparecer um aparente menosprezo pela história, desqualificando a importância da dimensão perpendicular, sucessiva dos fenômenos. Neste ponto, concordamos com La Blache (1997, p.3) quando afirma que *a história de um povo é inseparável da região que ele habita*.

Como Geógrafo aprendi desde cedo a fazer recortes espaciais. Compreendi que a unidade do conhecimento geográfico refletia, de alguma forma, o caráter contíguo do espaço terrestre. Concomitante e gradativamente, se desenvolviam em mim habilidades de um cirurgião que com tesouras cartográficas aos poucos aprendia a cortar a superfície da terra em pedaços que chamávamos de regiões. Foi assim que hoje, graças a este aprendizado, com o devido cuidado, consigo recortar minha área de estudo: O Planalto de Vitória da Conquista. Ou, mais simplesmente, Planalto de Conquista (foto 1).



**Foto 1. Vista parcial do Planalto de Conquista, a partir da Serra do Periperi. Em segundo plano a cidade Vitória da Conquista.**

A temática que situo enquanto problemática de pesquisa, encontra um núcleo mais ou menos definido em torno da identidade climática do Planalto. Partimos do pressuposto que os fenômenos atmosféricos são componentes da identidade dos lugares. Nesta escala (local) eles se manifestam em interface direta com o homem. O conhecimento local, produzido e acumulado, sobre o tempo meteorológico, deve ser valorizado e preservado, constituindo-se numa forma complexa de conhecimento. Neste sentido, gostaria de defender alguns pontos de vista. De antemão, gostaria de sugerir que o

referido Planalto, enquanto região natural, possui uma personalidade geográfica. Neste sentido, buscando elementos para a definição de uma estratégia de pensamento, como fio condutor da pesquisa, gostaríamos de refletir na indagação que faz La Blache (ibidem, p.8) ao comentar a afirmação de Jules Michelet – *a França é uma pessoa*:

De qual natureza é então esta personalidade, e como seria preciso compreendê-la? Uma individualidade geográfica não resulta de simples considerações de geologia e de clima. Não é uma coisa dada a priori pela natureza. É preciso partir desta idéia que uma região é uma reserva onde dormem as energias cuja natureza depositou o germe, mas cujo emprego depende do homem. É ele que, em conformando para seu uso, revela sua individualidade (tradução nossa).

## ETNOCLIMATOLOGIA DO PLANALTO

Chego no final da tarde. Por volta das seis horas do dia 12 de outubro de 2006. Seu Zequinha e Dona Queninha em meio à pelo menos uma dúzia de netos, filhos, filhas e amigos me recebem na cozinha, como de costume, com apertos de mãos e abraços extremamente carinhosos. Ele, no alto dos seus 70 anos e ela, aparentando não menos do que 60, formam um típico casal de sertanejos. Nossa amizade fecunda, não obstante o pouco tempo de conhecimento, aproximadamente 2 anos, denota um tipo de relação mais profunda muito próxima daquela entre pais e filhos. Tratam-me assim. Como um filho. E Eu, próximo aos meus 32 anos de idade, considero-os, reciprocamente, como a pais, preocupando-me freqüentemente com a saúde deles, muito embora esbanjem vitalidade. O casal vive numa fazenda que



Foto 2. Típico casal de sertanejos. D. Keninha e Seu Zequinha vivem no distrito do Pradoso, no Planalto de Conquista

margeia a sede do distrito do Pradoso, no município de Vitória da Conquista, na região administrativa do sudoeste do estado da Bahia.

A casa, grande, ficou pequena para tanta gente. Na cozinha, e na ampla varanda que a antecipa concentram-se principalmente os homens. As cadeiras são insuficientes para tantas pessoas e alguns se acomodam no meio-muro que separa a varanda do restante do quintal especialmente bem varrido, onde galinhas, patos e cachorros desfilam durante o dia. À mesa uma variedade de biscoitos caseiros, avoador, chimango e sequilhos, beiju, cuscuz, bolo de trigo, milho e puba, denota um tipo quase desconhecido de riqueza. O fogão a lenha garante água fervida para o café. Na primeira sala, que se acessa da cozinha por meio de uma estreita porta, televisor e aparelho de som desligados, as mulheres acomodadas no sofá, poltronas e cadeiras, contemplativas, voltam-se gradativamente para o altar improvisado sobre uma pequena mesa. Sobre o altar a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Na varanda, entre um café e outro, para ajudar a aquecer nas habituais noites frias do Planalto, os homens, jovens e idosos, tentam chegar a um consenso sobre os sinais do tempo. Olham para o horizonte, para a lua, a intensidade do orvalho. Em vista do meu interesse pelo tema me envolvo na discussão. Seu Zequinha, dividindo a atenção entre os convidados, neste momento, pressentindo o meu interesse mais geral sobre os sinais da chuva antecipou-me uma análise preliminar do comportamento das tanajuras, interrompida precocemente por seu filho mais novo, Orlando, que me perguntou objetivamente se eu queria entender os sinais da chuva. Eu, me sentindo duplamente contemplado, pela fala do pai no filho, não resisti e roguei-lhe que me falasse o que sabia sobre o assunto, ao que ele ironicamente me assegurou ser, o principal sinal da chuva, poças d'água no chão. Todos deram boas gargalhadas, mas logo esclareceu-se que a interrupção era proposital já que se solicitava a presença de todos no interior da casa para o início da cerimônia.

Logo que os conheci achei muito interessantes alguns hábitos, principalmente no tocante a divisão do trabalho. Seu Zequinha afeito à criação de animais, passa o dia envolvido no curral ou nas pastagens. Mantém algumas cabeças de gado mestiço, que garantem o leite consumido após fervura ou transformado, mais raramente, em

coalhada, queijo ou requeijão. Toda a família tem acesso ao leite, sendo uma parte comercializada, quando excepcionalmente há excedente. O gado é criado em um sistema migratório. Na maior parte do ano, correspondente ao período seco, boa parte permanece em uma segunda fazenda de sua propriedade, em outra região, retornando anualmente no período chuvoso. Dona Queninha, ao contrário, é responsável pelo cultivo de lavouras temporárias, como feijão e milho. Ela aguarda ansiosa, todos os anos, pela chuva, mantendo um pequeno estoque de sementes ao final de cada período de colheita, para o plantio no ano seguinte. Nos anos em que a chuva ocorre abaixo do esperado é preciso adquirir sementes nas feiras livres ou no comércio atacadista de cereais. No início das chuvas toda a família trabalha no plantio da mandioca, na fazenda, em roças individuais. Cada um dos filhos tem a sua roça de mandioca e todos trabalham em todas elas. Neste momento, me recordei do que escrevera o geógrafo Aziz Ab'Sáber, em seu livro *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*, com relação ao modo de vida dos sertanejos. A forma como eles sempre conviveram com a incerteza.

Para o cotidiano do sertanejo e sobrevivência de sua família o fator interferente mais grave reside nas irregularidades climáticas periódicas que assolam o espaço social dos sertões secos. Na verdade, os sertões nordestinos não escapam a um fator peculiar a todas as regiões semi-áridas do mundo: a variabilidade climática. [...] O importante a se destacar é a seqüência altamente irregular dos anos de ritmo habitual, entre os quais se intercalam trágicos anos de secas prolongadas; rupturas, que representam dramas inenarráveis para os pequenos sitiantes e camponeses safristas das áreas mais afetadas pela ausência das chuvas habituais de fins e início de ano. (AB'SÁBER, 2003, p.91).

Já no interior da casa, à sala, reunidos em torno do Altar, todos tentavam se acomodar como podiam. Uma anciã ao lado do Altar iniciou o ritual dando o costumeiro boa noite, a todos, seguido de uma canção que, em coro, dizia: *derrama senhor... derrama senhor...derrama sobre nós o teu amor*. Compreendi naquele mesmo instante a forma que assumia o amor de Deus entre aqueles que ali estavam, um amor convertido em

esperança de chuva. E continuaram assim, com muita alegria e fé, por muitos minutos. Todos ajoelhados, não demoraria a começar a ladainha, com a reza do terço, que duraria, apesar de não ter cronometrado, bem mais de uma hora. Neste momento, o entra e sai dos homens se faz notar. Parecem não tolerar tanto quanto as mulheres o flagelo do corpo. Entram. Saem. Tomam café. Conversam. Nota-se que, aparentemente, as mulheres são bem mais devotas. E isso é muito intrigante. Enquanto a ladainha se processava no interior da casa, na varanda, retomávamos a conversa sobre as tanajuras:

– Seu Zequinha, gostaria de saber um pouco mais sobre os sinais da chuva.

– *Olha Seu Carley, nós aqui coloca o sal no telhado, tem também a quadra da lua, o aruvai (orvalho)...*

– Queria saber um pouco mais sobre as tanajuras.

– *Aqui nós observa a tanajura quando ela sai. Se ela sai e a chuva cai em cima dela e derruba as asa, o tempo é bom, é pra chuva. Mas se ela sai e o sol cai em cima dela, ah... meu fí, aí o bicho pega. A coisa fica feia.*

– E isso é sempre certo?

– *Às veiz, costuma ela saí com sol e chover bem. Depende de outras coisa. É preciso ver qual a quadra da lua que elas sai.*

– Certo. Entendi. Então tem que ver tudo isso.

– *É. Se não ver tudo isso, não dá certo. Na verdade só chove se Deus quer.*

## ESTADO DA ARTE

Renzo Taddei, membro do Instituto Comitatus de Estudos Antropológicos, e Instituto Internacional de Pesquisas sobre Clima e Sociedade, da Universidade de Columbia, em Nova York-EUA, em um recente artigo intitulado: *A comunicação social do clima, esboço de uma sociologia do campo da comunicação meteorológica no Nordeste Brasileiro*, apresentado no Simpósio Internacional de Climatologia, realizada no dia 25 de outubro de 2005, em Fortaleza, levanta importantes considerações sobre o posicionamento e perspectivas da meteorologia no contexto do campo de forças sociais em que esta se encontra:

Usar estratégias para distanciar-se de polaridades constitutivas do campo semântico em que encontra-se atualmente inserida, e que foram moldadas através da história da relação entre a ciência meteorológica, os meios políticos e a população: a meteorologia não existe em contraposição à religião, mas as duas coisas existem em campos sociais distintos e não necessariamente opostos; a meteorologia não trabalha dentro de um universo de erros e acertos, mas sim de tentativas sempre mais ou menos bem sucedidas de compreensão de fenômenos naturais (e, desta forma, guiada pelo mesmo impulso que leva o homem do campo a analisar sinais na natureza). (TADDEI, 2005, p.11)

Na edição de setembro e outubro de 2002, da Revista *American Scientist*, o artigo intitulado *Etnoclimatologia nos Andes*, relata os resultados de uma pesquisa interdisciplinar que confirma as bases científicas de um antigo método utilizado pelos povos andinos, para a previsão de chuvas, fundamentado na observação das Plêiades, agrupamento de estrelas na Constelação de Touro. O artigo conclui da seguinte forma:

Da perspectiva da pesquisa aplicada, o estudo de previsões indígenas forma parte da rede crescente que conecta investigadores do clima, legisladores (policymakers), administradores e cidadãos. As previsões demonstram que as populações locais não estão resignadas fatalisticamente a aceitar a variabilidade do clima como uma áspera realidade. [...] Esta informação pode ajudar os meteorologistas a preparar projeções úteis e pode melhorar a comunicação entre os produtores e os consumidores de previsões científicas modernas. [...] Como observadores próximos da variabilidade climática, os povos locais em torno do mundo devem certamente participar nestes debates. (tradução nossa) (ORLOVE, CHIANG e CANE, 2002, p.435)

Para Almeida (2000, p.18), *a cultura que recebemos como herança funda-se na divisão de dois domínios de saberes: de um lado a ciência, do outro os saberes da tradição. [...] a incomunicabilidade entre eles se constitui um dos problemas cruciais do nosso tempo.* Não há mais espaço para descrédito ou menosprezo na perspectiva de um ambiente de solidariedade entre os saberes. Esta pauta que busca valorizar os saberes da tradição é mais que atual, e parte do pressuposto que ninguém conhece mais o lugar do que seus habitantes.

Do ponto de vista regional, deve ser salientada a dificuldade para se fazer análise sobre dinâmica do clima na Bahia, já que o Estado apresenta uma posição geográfica de caráter climático transacional, o que dificulta a identificação, com maior precisão, dos sistemas meteorológicos que atuam nessa área, e por se tratar de uma passagem de sistemas meteorológicos gerados em outras fontes, recaindo os trabalhos somente em nível conceitual, em termos de correntes de circulação, tornando-se imprescindível recorrer as imagens de satélite em tempo real. Além do mais, é preciso considerar a problemática da variabilidade climática na região, buscando associa-la também ao fenômeno El Niño. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, em seu recente artigo *os trópicos: entre a tristeza e a esperança*, faz alguns apontamentos sobre a climatologia do nordeste brasileiro, alertando para o perigo das generalizações. Para o Autor a regularidade climática não é assegurada para toda a faixa tropical, *havendo que se considerar aquelas (regiões) onde o caráter mais marcante é a "irregularidade" rítmica, resultando em secas e cobertura vegetal distinta (caatingas).* (grifo nosso). (MONTEIRO, 2006, p.4).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A produção de novos conhecimentos sobre o tempo meteorológico não comporta a idéia de descarte ou desprezo do conhecimento anteriormente produzido, mas, participa da conjunção de momentos, velho e novo, com características interparadigmáticas. Ou seja, nasce de um esforço de produzir num período transitório, entre os paradigmas vigente e vindouro. Apresenta uma vertente mais geral ligada a



um repensar do momento em que vive as ciências e, por outro lado, de forma mais específica, traz à tona novos elementos de discussão visando à aproximação da cultura científica à cultura humanística, por meio da valorização dos saberes da tradição.

Neste sentido, novas pesquisas poderão abrir novos horizontes, apresentando soluções mais eficazes e, quiçá, definitivas, para as problemáticas de regiões tão sofridas como o semi-árido nordestino, principalmente a área que abrange o chamado *polígono da seca*. Essas regiões, hoje, no *ranking* das áreas mais carentes de investimentos, seriam as mais vulneráveis do ponto de vista econômico e social, merecendo um maior conhecimento das oscilações climáticas locais e regionais, para respaldar projetos voltados ao desenvolvimento social, econômico, ambiental e político. Constata-se a sensível falta de incentivo e de interesse das autoridades em todas as esferas do poder, em viabilizar investimentos, por meio de políticas públicas dirigidas para o setor, que garantam um maior conhecimento sobre os fenômenos atmosféricos dos estados e regiões, na perspectiva de otimizar as informações sobre o tempo e o clima locais. Tais investimentos poderiam produzir resultados de melhor qualidade, garantindo a legitimação social da ciência meteorológica, como também a legitimação dos saberes tradicionais sobre o clima. Neste último caso, Taddei (2006, p.5) afirma que:

Um elemento fundamental na legitimação destes conhecimentos é a experiência acumulada de quem faz as observações e comunica os resultados, o que, adicionado à divisão do trabalho no campo por faixas etárias, faz da população mais velha um segmento preferencial para a elaboração de prognósticos. Surge então a figura do ancião capaz de prognosticar as chuvas futuras, presente com frequência em cada comunidade, senão em cada família.

## **BIBLIOGRAFIA**

AB'SÁBER, Aziz Nacib. 2003. Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. 2000. Ensinar a condição humana. In: Eccos. Revista Científica do Centro Universitário Nove de Julho – Complexidade e Educação. n. 2. vol. 2. São Paulo: Uninove, dez/2000.

LA BLACHE, P. Vidal de. 1997. Tableau de la géographie de la France [Document électronique]. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/>, acessado em 10 de outubro de 2006, 1997.

MONTEIRO, C. A. de F. 2006. Os trópicos: entre a tristeza e a esperança. IN: Anais do Instituto de Estudos Avançados, USP, 2006.

TADDEI, Renzo. 2005. A comunicação social do clima esboço de uma sociologia do campo da comunicação meteorológica no nordeste brasileiro. IN: Anais do Simpósio Internacional de Climatologia: A Hidro-meteorologia e os Impactos Ambientais em Regiões Semi-Áridas, Fortaleza, 2005.

TADDEI, Renzo. 2006. Oráculos da Chuva em Tempos Modernos: Mídia, Desenvolvimento Econômico, e as Transformações na Identidade Social dos Profetas do Sertão. In Martins, Karla (org.), Os Profetas da Natureza: Testemunhos da Esperança. Fortaleza: CNPq, 2006.